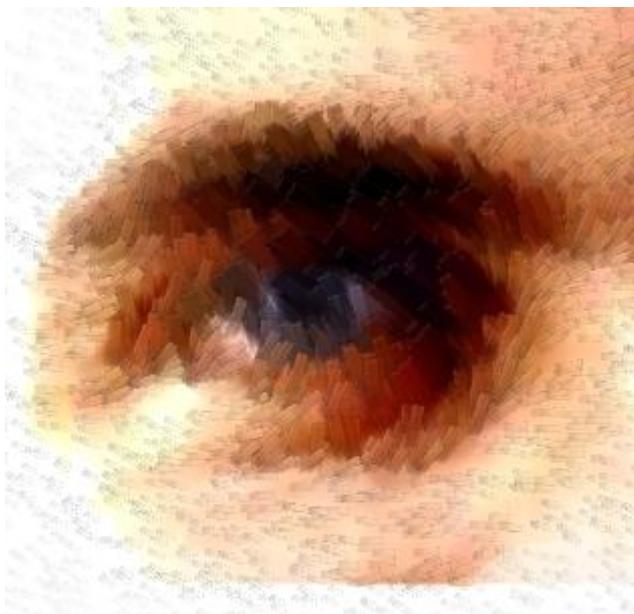


Alma gemela

Heloísa Pait*



Pablo era um judeu portenho, bochechudo, de cílios muito pretos e olhos grandes, azuis. Fazia pós em filosofia e eu em sociologia, tínhamos acabado de chegar em Nova Iorque. Ele estudava muito, era sensível, não sei se brilhante. Eu queria agarrar tudo tão depressa que às vezes esquecia-me de soltar o ar. Ele era da mesma família que os Mutchniks de São Paulo, Eliana e Jair da natação, Molca prima do meu pai. Leu meus contos.

Convidei-o para jantar em minha casa na Toidy-Toid and Toid, que é como os novaiorquinos se referem à esquina da 33 com a Terceira, imitando o sotaque ídish. Ele trouxe um alemão muito alto, magro, de olhar analítico e uma polidez que nunca houve nesse lado do Atlântico. Trouxe como uma espécie de troféu, como um bicho exótico que atestava suas habilidades de caçador urbano. Só que o bicho, depois de umas garrafas de tinto, virava um homem sensual e engraçado.

Robert Venne, que pronuncia “f” como Volkswagen. Eu não conseguia tirar os olhos dele e de seus gestos precisos, do modo como deixava o vinho cair no copo quase em câmara lenta. Usava um paletó preto e a calça do casamento do pai, com uma risca lateral. Cabelo arrumado, um cinismo a toda prova, um dândi. A conversa foi para a história política. Disse eu: “No Brasil, mataram trezentas pessoas na ditadura.” Pablo era dramático: “Na Argentina, foram trezentos mil.” Robert fazia contas: “Puxa, só isso? Na Alemanha, contando apenas as execuções políticas, foi um milhão de pessoas.” Eu ria.

Pablo foi embora ferido e guardou de mim uma mágoa que eu não merecia. Que culpa tinha em querer aos 26 anos comer o mundo? Mais tarde, quando lhe pedi ajuda num problema desses que a gente enfrenta em cidades estranhas, me jogou na cara: “Quando li seus contos, pensei ter encontrado minha alma *gemela*. Sabe o que é isso, uma alma *gemela*?” *Gemela* com “g” de Ar-rrentina. Falávamos uma mistura de inglês, português e espanhol, e para algumas expressões nada como a língua materna. Em que língua haverá almas “remelas” além do espanhol de Madri ou Buenos Aires?

Naquela noite, prestei menos atenção aos sentimentos de minha alma *gemela* que ao jeito diferente de Robert me tocar, que depois, em conferência com as amigas latinas, entendi. “Nossos homens nos pegam, nos agarram; esses nórdicos só resvalam, e é isso o que nos tira do sério”, disse Margarita.

Sou uma pessoa civilizada e esclarecida. Não tenho absolutamente nada contra os que descendem do povo que me roubou a convivência com dezenas de primos, Paits, Goehlers, Drangers, e até mesmo Gheiners, Naslauskis e Mutchniks, pelo assassinio sistemático de seus pais e avós. Por isso é que me espantou, quando acordei no dia seguinte ao lado do Robert, ver sentados na cama minha mãe e meu pai, me perguntando: “Por que você fez isso conosco?”

Minha mãe havia morrido há dois anos; meu pai gozava de boa saúde à distância de 10 mil quilômetros. Mas alguma premência os trouxe para a visita curta, só o tempo mesmo de me questionar e ir embora sem nem um café, quando despertei completamente. Mais espantoso ainda: minha mãe era do tipo independente, e meu pai vivia em seu mundo tão próprio. Esse foi o único dia em que os ouvi usando a primeira pessoa do plural.

No final do ano, meu pai tomou um avião e nos fez uma visita mais longa. Conheceu minha *roommate*, “a Grega”, amigos da New School e parentes e amigos de Susanna, minha futura cunhada. Primeiro não queria ouvir falar de Robert, que o cativou com comentários precisos sobre a arquitetura moderna e contemporânea, entre pastramis e pães pretos da Carnegie Deli. A terra de Goethe e Beethoven era essa a face da Alemanha que Robert evocou em meu pai.

Foi uma visita legal. Um dia o Daniel Gutierrez me conta, “*vi a tu padre en el Lincoln Center*”, mas nem o cumprimentou. Preferiu ficar observando aquele homem já idoso, fotografando a cultura erudita de Nova Iorque de todos os ângulos, com todos os entusiasmos possíveis. Alguns anos depois, Naomi Abrahami, irmã de uma amiga da Susanna, apareceu em São Paulo para visitar meu pai. Ele se integrava tanto àquele mundo, se dava tão bem com todos que acredito que num sentido mágico ele era de lá, ele era um dos tipos novaiorquinos que me pedia para descrever.

Alguns homens são fáceis de esquecer. Como se chamava o fulano para quem dei meu querido exemplar de *Max e os Felinos*, junto com meus contos num volume com capa feita pelo meu pai? Outros grudam na gente como tatuagem. Um dia, passeando em Nova Iorque, reconheci o casaco mostarda de Robert e agarrei seu braço no meio da rua. Tomamos um café. Quando bem depois vi *Martha*, do Fassbinder, me lembrei das cenas que vivi com meu amigo alemão. Sua tortura era num dia olhar bem nos meus olhos e dizer muito doce que eu era Nova Iorque para ele, no outro relembrar seco o que tinha me garantido no Washington Squaare: “*We do not have a relationship.*”

Pablo meu pai não conheceu. Imagino que meu primo portenho deve ter, a essas alturas, seguido os mandamentos divinos, e que alguma mulher, das nossas ou não, já lhe tenha amamentado os filhos e lhes trocado as fraldas. Eu percebi há pouco que talvez uma alma gêmea não me faça mal.

* **Heloísa Pait** é Doutora em Sociologia pela New School for Social Research, EUA, e Professora de Sociologia na UNESP.

Ilustração: Alma, de Airton Alonso (Pintura digital/19,5x14,5cm).